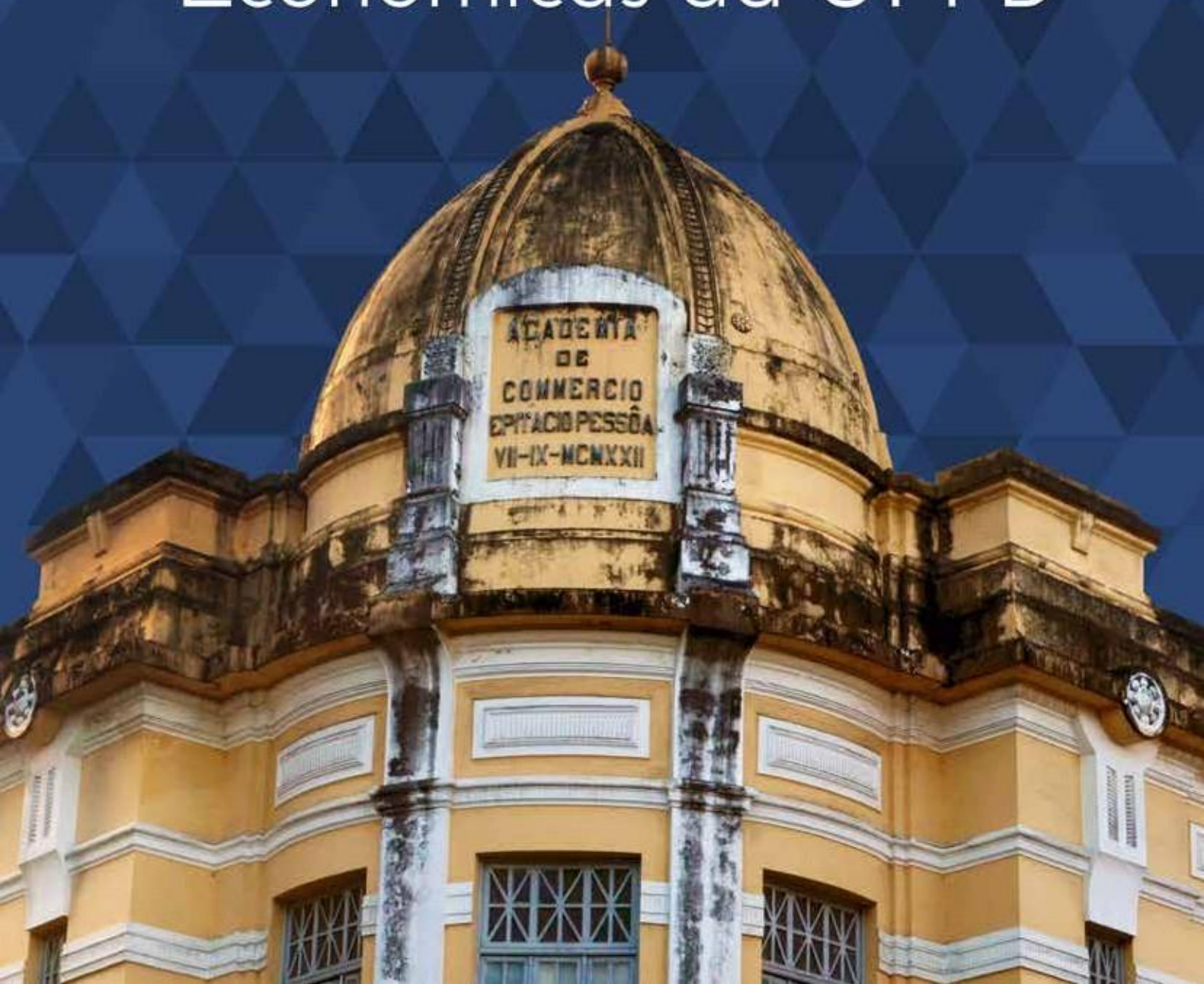


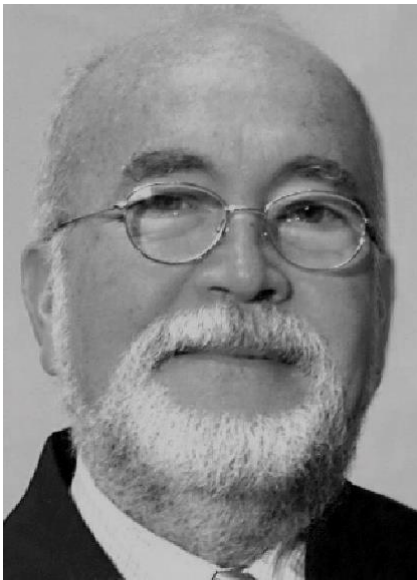
Aline Nadege de Menezes Sá Monte  
Gabriela Bezerra de Medeiros  
Liédje Bettizaide Oliveira de Siqueira



CURSO DE  
CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DA UFPB

# Vozes pelos 70 anos do Curso de Ciências Econômicas da UFPB





# Heitor Cabral

Professor emérito da Universidade Federal da Paraíba.  
Professor aposentado pelo Departamento de Economia

---

---

*“NO EXERCÍCIO DA  
PROFISSÃO, FIZ O  
MELHOR QUE PUDE.  
QUEM ESTUDA  
MODERNAMENTE  
LIÇÕES DE  
ECONOMIA  
SABE QUE A  
CONTABILIDADE  
SOCIAL, OU  
ECONÔMICA,  
CORRESPONDE A  
UMA INTRODUÇÃO  
TEÓRICO-  
METODOLÓGICA  
DOS CONCEITOS  
BÁSICOS DA ANÁLISE  
MACROECONÔMICA”*

---

**F**aculdade de Ciências Econômicas da Paraíba no início de 1958, quando nela ingressei, funcionava no prédio da Academia de Comércio, um imponente prédio localizado numa esquina da Rua das Trincheiras, à vista da Praça Venâncio Neiva, onde se situa até hoje o denominado Pavilhão do Chá.

No ano letivo seguinte, ingressei na Faculdade de Direito, prosseguindo nesses cursos conjuntamente, até que o Presidente Janio Quadros, no seu brevíssimo mandato, em 1961, decretou que nenhum estudante poderia fazer dois programas escolares em uma mesma universidade.

Fui obrigado então a transferir meus estudos de economia para a Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, onde permaneci até a minha formatura, no final de 1962.

Retornando em definitivo para João Pessoa, ingressei no quadro de auxiliares do Governador Pedro Gondim, sob a batuta de Ronald de Queiroz Fernandes, responsável pelo recém criado Conselho Estadual de Desenvolvimento, participando ativamente do trabalho pioneiro de modernização institucional do nosso Estado.

Na época, Celso Monteiro Furtado já havia iniciado seu trabalho pioneiro como economista do desenvolvimento em nosso país, criando a SUDENE como órgão formulador e coordenador do processo de expansão da economia do nordeste brasileiro.

Então participei, com mais dois colegas paraibanos, do II Curso de Desenvolvimento Econômico, em Recife, com a duração de oito meses, promovido pela SUDENE em harmonia com a CEPAL – Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina, ali convivendo com alguns luminares do pensamento econômico latino-americano, a exemplo dos chilenos Anibal Pinto Santa Cruz e Osvaldo Sunkel, do paraguaio Carlos Fredese, indiretamente, Jorge Ahumada.

Sunkel foi o autor da tese O Marco Histórico do Processo de Desenvolvimento/Subdesenvolvimento, que desde então guardo como um texto sagrado, e Ahumada, apesar de distante - na época estava na Colômbia a serviço da CEPAL – deixou em nosso país grandes alunos, a exemplo de Fernando Mota e do sociólogo Francisco de Oliveira, Superintendente Substituto da SUDENE, que dele disse ter sido o melhor professor que jamais teve.

Jorge Ahumada fez publicar para os alunos do Curso um texto – sua apostila, em quatro frondosos volumes, de Contabilidade Social, da qual me apropriei imediatamente e que me ajudou a cons-

truir a minha vida de professor, a que mais apreciei, das três ou quatro profissões que trilhei na vida.

Concluindo o II Curso da CEPAL/SUDENE, com a devida aprovação, junto com 27 colegas dos 84 que o iniciaram, fui convidado por Nailton Santos, então diretor do DATF – Departamento de Assistência Técnica e Formação de Pessoal da SUDENE, para integrar os quadros daquela autarquia, na qualidade de TDE – Técnico em Desenvolvimento Econômico.

Mas eu tinha compromissos com o Governo da Paraíba, retornando novamente a integrar a equipe do Conselho Estadual de Desenvolvimento, CED, ao precioso convívio com Ronald de Queiroz Fernandes, o Chefe, Antônio Augusto de Almeida, Francisco das Chagas Lopes, Guilherme Campelo Rabay, Paulo Sá, José Maia e, logo depois, o grupo do Movimento de Cultura Popular, Dorinha, Ligia e uma dezena de incansáveis batalhadores na luta contra o analfabetismo, supervisionado pelo grande educador popular Paulo Freire. Todo esse movimento foi abatido nos primeiros ruídos do golpe militar de 1964, com meses presos e alguns desaparecidos.

Recordo bem de um militar que agia naqueles tempos politicamente tumultuados com certa fidalguia, o Major Aquino, do Grupamento de Engenharia, diferentemente dos Oficiais que integravam a cúpula do 15º. Regimento de Infantaria, em Cruz das Armas, conhecidos pela truculência.

Bom, retornando ao C.E.D., auxiliamos o Governador Pedro Gondim no seu trabalho pioneiro. Um exemplo, a energia elétrica de Paulo Afonso acabara de chegar a João Pessoa no final dos anos 50 e o Governador de imediato se propôs a substituir os antigos motores a Diesel das Prefeituras do interior pelo sistema CHESF – Cia Hidroelétrica do São Francisco.

Começou seu trabalho transformando o antigo DSEC – Departamento dos Serviços Elétricos da Capital, que funcionava em Cruz do Peixe, no início da avenida Epitácio Pessoa, numa sociedade de economia mista, a SAELPA – Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba.

Acompanhei uma vez o Governador Pedro Gondim na solenidade de inauguração do sistema de distribuição da cidade de Esperança, quando então ficou acordado que a CODEBRO, responsável pelo fornecimento de energia ao Brejo Paraibano, seria incorporada à SAELPA; depois veio Itabaiana, de-

pois Mamanguape, Ingá, Itaituba, à medida que as linhas de transmissão avançavam interior adentro.

Em 1963 veio a lume o Decreto de João Goulart autorizando o funcionamento da ELETROCARI-RI S.A., a distribuidora de energia elétrica que se encarregou de eletrificar, de forma autônoma, os municípios de Campina Grande e os Cariris Velhos circundantes, a partir da usina de Paulo Afonso.

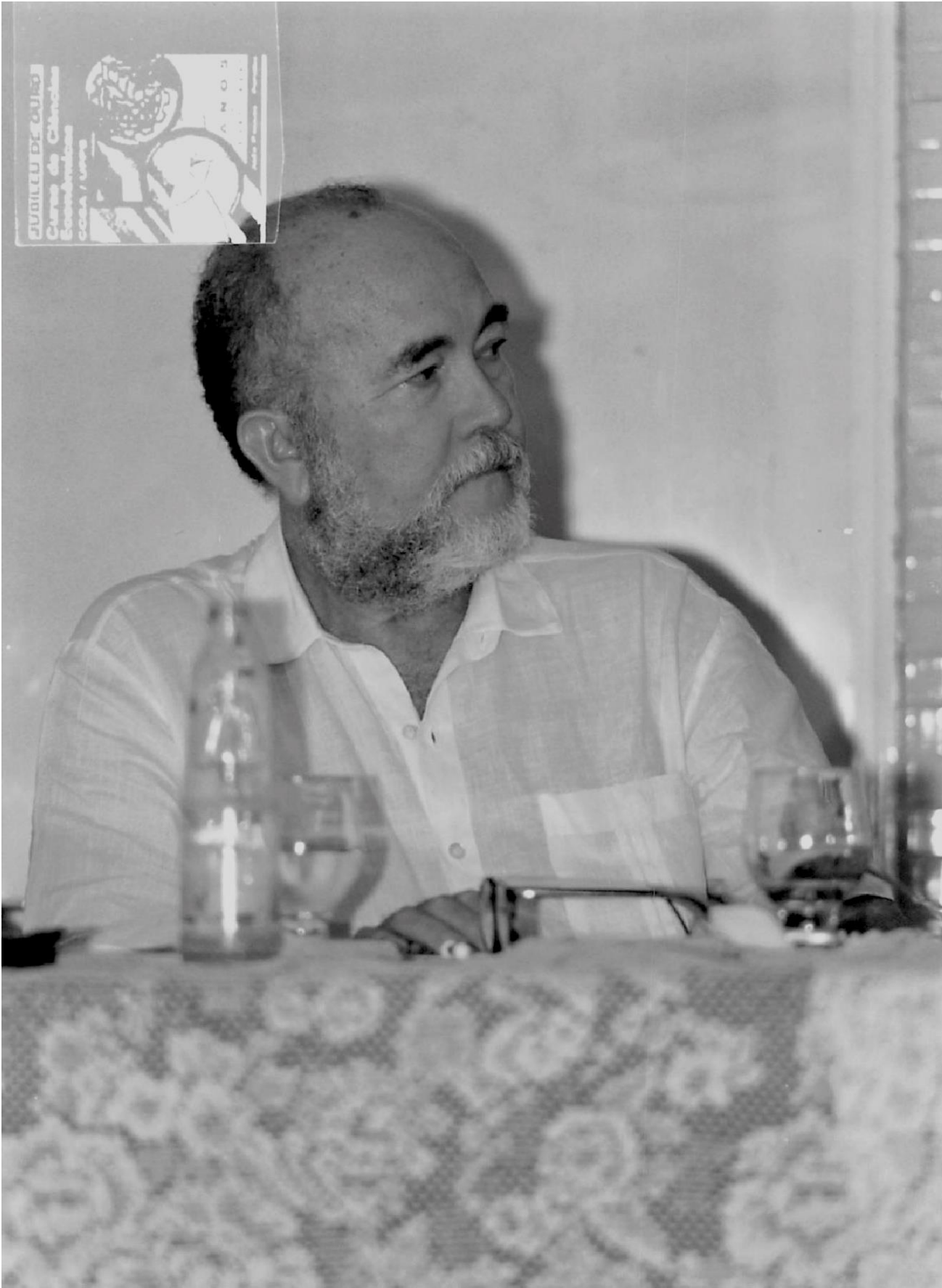
No C.E.D. coordenávamos todas essas ações, exceto as da ELETROCARI-RI, culminadas com a elaboração por nós, com o indispensável apoio técnico do Capitão Renato, do I Grupamento de Engenharia do Exército, do Plano de Eletrificação da Paraíba, prevendo a adesão ao sistema CHESF de todos os municípios paraibanos.

O trabalho mais importante da equipe do Governador, porém, foi o desate do processo de industrialização da Paraíba. Naquele tempo, havia em nosso Estado meia dúzia de grandes indústrias têxteis, em Santa Rita, Rio Tinto e Campina Grande, mais as usinas de açúcar localizadas no vale do rio Paraíba. Umas e outras derivadas da extensa produção agrícola local, mormente de algodão, sisal e de cana de açúcar.

Coube ao governante anterior, Flávio Ribeiro Coutinho, a montagem de um sistema estadual de incentivos fiscais do ICMS para novas indústrias. Pedro Gondim, seu vice, assumiu o governo o logo iniciou, aproveitando a relevância dada pela equipe de Celso Furtado ao processo de industrialização do Nordeste, junto com sua equipe do C.E.D., um ousado programa de apoio à diversificação do setor secundário da economia da Paraíba.

Coube-nos então a tarefa de implantar os distritos industriais de João Pessoa, dois, Campina Grande, depois Queimadas, Sousa, Guarabira e outras localidades. E administrar os incentivos fiscais e o apoio técnico empresarial ao setor, contando sempre com o apoio da SUDENE.

Em pouco menos de dez anos implantaram-se mais de 150 indústrias na Paraíba, boa parte no interior de nosso Estado, com ênfase. Contamos nesse afã com o apoio da equipe de Diogo de Gaspar, técnico fundador do Banco do Nordeste e então dirigente da ASPLAN, empresa de consultoria em planejamento econômico constituída em São Paulo com o pessoal que havia participado da área técnica do Governo de Carvalho Pinto.



Paralelamente, cuidamos de aprofundar os laços com a Universidade Federal da Paraíba, que participou ativamente do processo de estímulos ao desenvolvimento local, com o trabalho de seus mestres de então e dos técnicos que estava gerando no seu alunado.

Estávamos envolvidos todos nessas tarefas quando João Goulart, no afã de implementar suas prometidas reformas de base, promoveu uma ampla reforma universitária, atingindo em cheio o curso de economia. Iniciei o meu curso em 1958 muito insatisfeito com a carência de espírito crítico de muitos mestres de então.

A denominada grade curricular estava desatualizada, para dizer o mínimo. Estudava-se a Repartição da Renda Social, sem se saber direito o que era renda. A reforma do tempo de Jango, certamente inspirada pelo pessoal da CEPAL, que pontificava em Santiago do Chile porém vinha realizando cursos especiais em toda a América Latina, inclusive no Rio de Janeiro, certamente influenciou bastante naquela reforma do período janguista.

Nas demais capitais brasileiras onde se realizaram programas de treinamento em desenvolvimento econômico liderados pela CEPAL, o curso tradicional de economia se esvaziava.

Aqui na Paraíba, a reforma implicou na contratação de pessoal novo, a exemplo dos irmãos José Aristóphanes e José Ariosvaldo Pereira, Luiz Carlos Florentino, Ronald de Queiroz Fernandes e outros profissionais. No segundo ano da reforma vieram novas disciplinas, praticamente desconhecidas aqui, exceto pelo pessoal treinado no sul do país, porém todos os acima citados já eram professores.

Quanto a mim, adepto de Jorge Ahumada e de sua Contabilidade Social, do curso CEPAL/SUDENE que frequentei em Recife, era o único ainda não professor, 23 anos, mas que conhecia a matéria. Fui convidado então pelo Chefe do Departamento de Economia da UFPB, Professor Cláudio Santa Cruz Costa, para candidatar-me a ministrar esse curso; apresentei meu curriculum e me fiz professor de economia da Universidade Federal da Paraíba por longos 35 anos.

Do novo curso de economia guardo a melhor das impressões. Foi o ponto alto de minha carrei-

ra profissional, na UFPB convivi com pessoas de altíssima linhagem, começando pelo citado professor Cláudio Santa Cruz, um socialista de altíssima linhagem e dono de uma bonomia fora do comum, com quem aprendi muito a viver.

No exercício da profissão, fiz o melhor que pude. Quem estuda modernamente lições de economia sabe que a Contabilidade Social, ou Econômica, corresponde a uma introdução teórico-metodológica dos conceitos básicos da análise macroeconômica. Trata-se de disciplina fundamental, que inicia o economista a dominar a sua própria linguagem técnica e científica, que alguns mal satisfeitos denominavam de economês.

Fazia o meu trabalho propedêutico com tanto gosto que fui convidado a dar aulas na Universidade Federal de Alagoas e contratado como Professor de Economia pelo então campus de Campina Grande da UFPB, contrato que se frustrou por conta do golpe militar de 1964, com quem eu nunca simpatizei.

Paralelamente ao curso de Economia, e a partir de agosto de 1964, após afastado com meus colegas do Governo do Estado, dediquei-me a colaborar no setor privado com a SUDENE, o Banco do Nordeste e o BNDES, junto com Ronald de Queiroz Fernandes e, por um bom tempo, Antônio Augusto de Almeida e Francisco das Chagas Lopes, todos egressos do Conselho Estadual de Desenvolvimento.

Fizemos durante mais de vinte anos proveitosa parceria na área de formulação de projetos de desenvolvimento econômico em todo o Nordeste brasileiro, particularmente no âmbito de nosso Estado da Paraíba, onde éramos bastante conhecidos.

Um notável colega de trabalho, depois escritor, o economista William Jansen, paraibano de Patos residente em Recife, me disse outro dia que verificou ter sido nosso escritório, então denominado PLANESC, o que apresentou na época à SUDENE e ao BNB o maior número de projetos de desenvolvimento em todo o Nordeste brasileiro, mais de trezentos, o que nos deixou a todos, incluídos os meus colegas de então, particularmente honrados.

Era o que tinha a depor neste momento de comemoração, caros amigos e amigas.